



## PARA ALÉM DO EGITO: *Recepção e religiosidade nas pinturas parietais do templo de Ísis em Pompeia*

Luana de Oliveira Correa Treska

contatoluanatreska@gmail.com  
Mestranda em História (UFPR)

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Senna Garraffoni (UFPR)

**RESUMO:** No presente artigo, nos propomos a apresentar a pesquisa realizada na monografia *Do Nilo ao Porto da Campania: A recepção de Ísis nas pinturas parietais do Templo de Pompeia (século I d.C.)* na qual investigamos a presença da deusa egípcia Ísis no mundo romano, especificamente seu culto em Pompeia, a partir da análise de pinturas parietais que compreendemos manifestar as relações dos pompeianos com uma religiosidade estrangeira. Primeiramente, discutiremos o contexto do culto isíaco e de seu Templo na província romana, para em seguida expormos nossa análise das pinturas por meio de três exemplos realizados na referida monografia. Com isso, objetivamos apresentar de quais modos as origens egípcias da deusa permaneceram em meio à expansão de seu culto pelo Mediterrâneo, também contemplando as transformações decorrentes das novas interpretações e formas de vivenciar o culto isíaco, evidenciando o que compreendemos ser uma fluidez cultural possível de ser estudada por meio da cultura material.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos de recepção; Antiguidade; Religiosidade; Cultura material; Pompeia.

**ABSTRACT:** In this article, we propose to present the research carried out in the monograph *From the Nile to the Port of Campania: The Reception of Isis in the Wall Paintings of the Temple of Pompeii (1st Century AD)*, in

which we investigate the presence of the Egyptian goddess Isis in the Roman world, specifically her cult in Pompeii, from the analysis of the wall paintings that we understand to manifest the relations of the Pompeians with a foreign religiosity. First, we will discuss the context of the Isiac cult and her Temple in the Roman province, and then we will expose our analysis of the paintings, through three examples of what was done in the referred monograph. With this, we aim to present in which ways the Egyptian origins of the goddess remained amid the expansion of her cult across the Mediterranean, also contemplating the transformations resulting from the new interpretations and ways of experiencing the Isiac cult, evidencing what we understand to be a possible cultural fluidity of be studied through material culture.

**KEYWORDS:** Reception Studies; Antiquity; Religiosity; Material culture; Pompeii.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo nos propomos a introduzir a pesquisa que resultou na monografia intitulada *Do Nilo ao Porto da Campania: A recepção de Ísis nas pinturas parietais do Templo de Pompeia (século I d.C.)*, defendida em 2021 pela Universidade Federal do Paraná, na qual investigamos a recepção da deusa egípcia Ísis no mundo romano a partir da análise das pinturas parietais de seu Templo de Pompeia, com recorte no século I d.C. devido a maior quantidade de informações sobre o culto isíaco pompeiano neste período. Com isto, objetivamos refletir sobre o espaço ocupado por esta divindade feminina e oriental na sociedade pompeiana, assim como as transformações e permanências de sua identidade e culto perpassados ao longo de sua difusão no mundo Mediterrânico até a erupção do Vesúvio em 79 d.C., que encobriu e preservou seu Templo até sua redescoberta no século XVIII.

O templo do qual selecionamos a cultura material, o chamado de Iseum de Pompeia, possui tanto em suas estruturas quanto em sua decoração e objetos estilos diversificados, com a coexistência de elementos helenizados e egípcios, exibindo no mesmo espaço a confluência entre duas sociedades distintas. Assim, diante de uma ampla possibilidade de pesquisas sobre o Templo de Pompeia, fixamos a escolha das pinturas que adornaram as paredes de cômodos e pórticos como nossas fontes, consultando acervos online do Templo e sua cultura material, como Pompeii in Pictures, além dos sites do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles e Museu Nacional UFRJ – visto que neste último havia um par de afrescos do Iseum, pertencentes à Coleção Mediterrânea trazida ao Brasil pela Imperatriz de origem napolitana, Teresa Cristina – de onde retiramos as fontes para a construção do catálogo arqueológico exposto no segundo capítulo da referida monografia. Neste artigo, apresentaremos três exemplos do modo com que compomos o catálogo, que discutiremos mais adiante.

Pensando na forma que Pompeia estabeleceu a recepção de outras culturas, em razão de ter sido uma cidade portuária e província romana, destacou-se para nós o fato de que os pompeianos assimilaram Ísis à Vênus, a deusa protetora da cidade, por meio da identificação de atributos em comum entre as duas divindades, o que evidencia a convivência em um ambiente religioso multicultural dado que a expansão romana acarretou a recepção de cultos estrangeiros. Outro ponto importante para a delimitação de nossos objetivos e hipóteses foi o local ocupado pela água como elemento de conexão entre as origens egípcias de Ísis e seu culto em Pompeia. Por esta ser uma cidade portuária e, portanto, de intenso trânsito de pessoas vindas de diferentes locais, em especial da bacia do Mediterrâneo, o comércio marítimo foi um dos principais alicerces de sua economia, conseqüentemente tornando benéfico o culto de divindades relacionadas às águas como Vênus. Já para o povo egípcio, a significância deste elemento foi vivenciada a seu

próprio modo, com o sagrado rio Nilo concedendo vida e saúde por meio da alimentação e higienização e sendo igualmente reverenciado por seu significado simbólico no mito de Ísis e Osíris: no qual a deusa navega pelo Nilo com o corpo de seu marido a fim de regenerá-lo para a vida eterna, com a água simbolizando o momento de passagem e renovação de seu falecido esposo. Assim, conseguimos estabelecer a ligação entre a Ísis egípcia e a sua variante helenizada que chegou à Pompeia, pois, como enunciamos acima, Ísis é assimilada à Vênus, deusa nascida das espumas do mar, e tomada como protetora da navegação e da própria cidade. Logo, por meio desta observação inicial, instaurou-se o desejo de compreender as permanências e transformações da imagem e culto da deusa egípcia em território pompeiano.

Em vista disso, ao observarmos as pinturas do Iseum de Pompeia, percebemos a recorrência de representações da natureza, com animais e paisagens que não eram comuns à ambientação de Pompeia, mas que evocavam o Egito com animais sagrados ao seu povo, como: crocodilos, íbis, touros, assim como templos em meio às paisagens nilóticas. Da mesma forma, notou-se a presença de divindades tanto egípcias quanto greco-romanas, cerimônias com os sacerdotes da deusa egípcia, além da existência de paisagens marítimas com grandes embarcações.

Diante disto, considerando a possibilidade de que as pinturas pudessem oferecer indícios de que as origens egípcias da deusa permaneceram em meio ao seu processo de helenização, pôde-se observar a recorrência de determinados elementos que não se faziam presentes apenas por acaso, nos fazendo refletir sobre: os motivos de se retratar animais do cotidiano egípcio mas que não eram comuns ao habitat de Pompeia, a possibilidade das cenas cerimoniais manifestarem a relação dos pompeianos com divindades multiculturais e práticas privadas do culto isíaco e, por fim, o significado da água para a mentalidade pompeiana e sua possível conexão com a origem egípcia da deusa.

Desta maneira, em nossa pesquisa, selecionamos vinte e quatro pinturas do Iseum de Pompeia, as separando em três eixos temáticos com base nos elementos que são retratados e que orientaram a nossa análise, que discutiremos mais atentamente ao fim do artigo, sendo estes: dez imagens com a presença da água; sete imagens que retratam animais associados à Ísis e ao Egito; e sete imagens com cenas cerimoniais e presença de divindades. No espaço deste artigo, nos deteremos em três imagens, sendo uma imagem referente à cada eixo temático.

Isto posto, tomamos *Reception Studies* (2003) de Lorna Hardwick como nosso principal referencial teórico, uma vez que orientamos nossa análise pela perspectiva dos estudos de recepção. Enquanto isso, a obra *Arqueologia* (2003) de Pedro Paulo Funari e o capítulo “Sobre arqueologia, arqueólogos e religião” de Filipe Guimarães, presente em *Arqueologia da Religião: método e interpretação do produto artístico da religião* (2018), fundamentaram nossa metodologia, visto que estamos a tratar de cultura material.

## A ARQUEOLOGIA COMO MODO DE INVESTIGAR A PRESENÇA DE ÍSIS EM POMPEIA

Ao tratarmos da presença de uma divindade estrangeira, feminina e oriental no território romano por meio de sua materialidade, é necessário investigarmos o interesse romano pela materialidade egípcia e os modos com que estes objetos foram interpretados, tendo em vista que a cultura material encontrada no Templo de Ísis em Pompeia, abrangendo as pinturas parietais, ainda que helenizadas, possuíam elementos egípcios, incluindo mesmo objetos de estilo inteiramente egípcio, a exemplo de uma estela com hieróglifos.

Por meio desta pesquisa, pudemos compreender que o contato cultural estabelecido por Roma com outros povos mediante o comércio, viajantes e guerra pode ser compreendido por meio da *interpretatio romana* – o modo com que os romanos buscavam entender o diferente

a partir de elementos de seu próprio imaginário, a exemplo das traduções de nomes indígenas de divindades originárias das províncias de Roma para o latim ou grego (RIVES, 2014, p. 421). Ainda quanto à circulação de objetos egípcios, Miguel John Versluys (2010: p. 18) atenta para o fato de que um objeto de determinado uso e significado no Egito poderia ser entendido e vivenciado de maneira distinta pelo povo romano, sendo “mais óbvio que o estilo egípcio não apenas reflete os significados ‘originais’, mas também é algo em si”. Portanto, compreender o modo com o qual os romanos entendiam a materialidade de outros povos como fluidez cultural – com novos entendimentos, usos e significações, mas também através de permanências de seus significados originais – é mais frutífero para a análise de objetos que contém tanto o espírito romano, neste caso a partir de Pompeia, como o egípcio. Isso se reforça quando temos em mente a fala de Molly Swetnam-Burland (2007, p. 115) de que possivelmente o fator mais significativo para os romanos seria a criação da atmosfera egípcia por meio da materialidade, não havendo incoerência na mescla de estilos egípcio, grego e romano.

Assim, tornou-se interessante para nós trabalharmos a cultura material do Iseum de Pompeia sob a ótica da recepção, ao considerarmos a possibilidade de investigação do modo com que os seguidores de Ísis, pessoas de classes, etnias e proveniências distintas vivenciaram sua religiosidade com auxílio destes objetos.

## ÍSIS E SEU TEMPLO DE POMPEIA

Ísis, notória divindade do panteão egípcio, também sendo cultuada em territórios próximos como a Núbia, foi irmã-esposa de Osíris, com o qual compartilhou sua principal narrativa mitológica que resultou na morte de Osíris e na concepção de Hórus, o legítimo faraó. Devido ao seu protagonismo e função protetora no mito, Ísis se tornou uma deidade vinculada à preservação do trono do Egito e, em conjunto de seu consorte,

sob a forma sincrética Serápis, eles se tornaram deidades patronas de Alexandria nos reinados da dinastia ptolomaica, em um movimento que visava a união de elementos tradicionais egípcios e helenizados a fim de garantir a legitimação de uma dinastia estrangeira. É a partir desta cidade portuária de relevante circulação comercial e fluxo de pessoas de regiões do Mediterrâneo e Oriente que a deusa obtém um aspecto cosmopolita ao ser associada à proteção da navegação, sobretudo pelos mercadores marítimos, em conjunto de seus atributos nativos. Vale indicar que ainda no Egito os seguidores da deusa à atribuíram qualidades universais e soberanas, extrapolando a cosmogonia egípcia ao vê-la como uma entidade progenitora, senhora dos céus, terra e submundo (GASPARRO, 2007).

Autores como Vanessa Fantacussi (2006) e Júlio Gralha (2009) apontam que o culto isíaco foi expandido para além do Egito por volta dos séculos VI e IV a.C., alcançando locais próximos no mundo greco-romano, especialmente ilhas e locais portuários (GRALHA, 2009, p. 13), por meio da dedicação dos missionários e sacerdócio na divulgação das benfeitorias da deusa (ROCKENBACK, 2017, p. 105-106). Isso, além do papel que tiveram mercadores, escravizados trazidos do Oriente, e soldados estacionados nas fronteiras na propagação de cultos orientais, fixando o culto isíaco já em formas helenísticas (FANTACUSSI, 2006).

Além disso, o maior acolhimento a um panteão sincrético se deu tanto em momentos de tensões no Império, agindo em conjunto da religiosidade cívica, quanto em momentos de mudanças no interior da sociedade romana, que geraram insatisfações com a religiosidade tradicional, propiciando a busca por formas de religiosidade que oferecessem uma experiência mais íntima aos seus seguidores, ainda que o culto isíaco, estabelecido em Roma por volta do ano 100 a.C., tenha funcionado inicialmente à margem do sistema religioso (VERSNEL, 1990: 40 apud ROCKENBACK, 2017: 107) por atuar de maneira diversa à religiosidade cívica, com ritos e cerimônias que visavam a satisfação

peçoal de seus seguidores e eram restritos ao seu corpo sacerdotal – que abrangia pessoas de origens e classes diversificadas, e mesmo excluídas das atividades cívicas romanas como mulheres, escravizados e libertos (SOARES, 2011: 53).

Descoberto nas escavações dirigidas por Karl Weber em 1764, e posteriormente sucedido por Francesco La Vega, o Iseum abrange uma área de 720 m<sup>2</sup> da ínsula 7, pertencente à região VIII do Quarteirão do Teatro em Pompeia. Sua estrutura, que foi reconstruída após o terremoto que afligiu a cidade em 62 d.C., possui vestígios que indicam que a construção original foi erigida no segundo século a.C. (Recko, 2018), antes mesmo da conquista romana que converteu a cidade na Colônia Cornélia Venéria dos Pompeianos (Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum) em 80 a.C. Situado próximo ao portão de Stabia e de importantes vias como a Via Stabiana e Via dell'Abbondanza, sendo esta última a rota de celebrações religiosas, o edifício, cercado por um alto muro cuja entrada seria acessada pela Via di Isidi, constitui-se por um templo composto por ornamentação em estilos grego, romano e egípcio erigido em uma plataforma rodeado por colunas, havendo em seu interior um cômodo designado para reuniões e instruções aos iniciados, o eklesiasterion, e uma espécie de depósito chamado sacrarium, ambos revestidos de pinturas, além de cozinha e dormitórios para os sacerdotes e iniciados vindos de regiões distantes (SANFELICE, 2016, p. 247). No lado externo, encontra-se um reservatório de água localizado em outros templos da deusa, o purgatorion, também chamado de nilômetro, que consiste em uma bacia de água da chuva que transbordaria em uma recriação cerimonial das cheias no Nilo.

## AS PAREDES FALAM

Neste ponto, iremos nos dedicar às pinturas e apresentar o modo que as estruturamos no catálogo presente na monografia que estamos a



tratar neste artigo. Para ilustrar como fizemos a análise das fontes, iremos proceder com a análise de uma pintura do catálogo referente à cada um dos eixos temáticos (cenas cerimoniais e/ou presença de divindades; animais associados à Ísis e ao Egito; e as pinturas com a presença da água), prosseguindo para uma análise mais ampla, apontando nossas conclusões ao fim.

Iniciando pelo eixo cerimonial, a pintura abaixo retrata a passagem mitológica na qual Io, princesa de Argos, transformada em uma novilha por Hera devido ao cortejo de Zeus, é colocada perante Ísis em Canopo no Egito em busca do retorno à sua forma humana. Esta pintura é especialmente interessante por evidenciar, na cultura material, o entrelaçamento de narrativas mitológicas de divindades de origens diversas, indicando como os povos do passado, neste caso os pompeianos, compreendiam a possibilidade de convivências entre cultos multiculturais sem necessidade de justaposição, desenrolando-se em novas formas de entender e vivenciar estas religiosidades. A pintura torna-se ainda mais interessante ao lembrarmos que Io se casa com Telégono, rei do Egito, e seu filho com Zeus, Épafo, se casa com Mênfis, fundando a cidade de mesmo nome e que se torna centro do culto ao touro Ápis, divindade sincretizada com Osíris em Alexandria. Portanto, o Iseum de Pompeia é um local rico para observação da interação entre imaginários distintos, pois, ainda que o culto isíaco tenha chegado à cidade em forma helenizada, vemos que elementos egípcios faziam parte de seu cotidiano, ao visualizarmos, por exemplo, a pintura de um sacerdote com a máscara do deus egípcio Anúbis, além de uma cena cerimonial com diversas íbis retratadas.

Ademais, outro fator crucial para a disseminação destes cultos foi a própria assimilação entre deidades com características e esferas de poder semelhantes, proporcionando uma identificação de uma divindade estrangeira com outra já existente na religiosidade do povo que a recebeu. Para Lauren Hackworth Petersen (2018, p. 18), a assimilação entre Ísis e

Fortuna foi tão especialmente atraente para os pompeianos quanto a proteção comercial, visto sua dependência dos negócios marítimos, além de acalentar questões nas esferas pessoais e familiares. A proximidade com Hécate se dá pela manipulação da magia por ambas; os animais a vinculam com Artémis; com Deméter partilha o domínio sobre a fertilidade da terra (FANTACUSSI, 2006); e, como dissemos anteriormente, talvez a associação mais significativa no contexto pompeiano tenha sido com Vênus, na qual além da serem deidades protetoras da cidade e da navegação também compartilham o aspecto maternal e feminino, especialmente ressaltados na Ísis helenizada. Da mesma forma, semelhanças de determinados aspectos do mito de Ísis e Osíris com outras narrativas mitológicas já conhecidas no mundo greco-romano, como a busca de Ceres por Proserpina (FANTACUSSI, 2006, p. 77), também corroborou para a identificação de Ísis como uma divindade zelosa.

Além das novas formas de experienciar a religiosidade de modo mais pessoal por meio dos cultos de mistérios, algo particularmente cativante para os grupos de pessoas excluídos da vida pública romana como mulheres, escravizados e libertos, estes ainda podiam tomar lugar no corpo sacerdotal isíaco, sendo que a esfera de influência sob estes grupos pode ter sido ainda maior nas celebrações públicas que contavam com a participação de pessoas de fora das atividades cotidianas do culto.

A busca de Ió pela salvação de sua condição, sinalizado pelos chifres em sua cabeça, assim como na iniciação do asno Lúcio aos mistérios da deusa a fim de retornar à forma humana nas *Metamorfoses* de Apuleio, pode ser melhor compreendido pela vinculação da deusa com o poder sobre a vida, o que resultou na procura por condições de vida melhores e satisfação pessoal por meio do culto à Ísis por diferentes tipos de pessoas, além de contribuir para o status social de seus seguidores, a exemplo do liberto Numerius Ampliatus que, por meio da contribuição de seu filho de seis anos, Numerius Popidius Celsinus, na reconstrução do

Templo, pôde participar do conselho de cidadãos da cidade (SANFELICE, 2016, p. 244).

Figura 1 - Io em Canopo



Fonte: ©Jackie and Bob Dunn, [www.pompeiiinpictures.com](http://www.pompeiiinpictures.com)\_Sob concessão do MiC - Parco Archeologico di Pompei.

Link:

[http://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p14\\_files/image064.jpg](http://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p14_files/image064.jpg)

Local de Conservação: Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Inv.: 9558Local do Achado: Pompéia (VIII, 7, 28) - Templo de Ísis, parede sul do Ekklesiasterion. Datação: 62-79 d.C.

Descrição: Io, com chifres em sua cabeça remetendo à sua transformação em novilha, é colocada na presença de Ísis em Canopo, Egito. A deusa, que tem em sua mão uma serpente e a seus pés um crocodilo, é acompanhada de suas sacerdotisas que tocam o sistro.

Neste próximo item, relativo ao eixo dos animais, visualizamos um painel duplo com o retrato de peixes em conjunto de dois animais marinhos semelhantes à dragões. Neste eixo, percebemos que além de animais comuns à fauna egípcia e relacionados às suas divindades zoomórficas, com frequente presença de íbis, touros e serpentes, há animais pertencentes ao ambiente marinho semelhantes a hipocampus, seres mitológicos do imaginário mediterrânico, assim como peixes, dragões e golfinhos. O touro, retratado em paisagens nilóticas, é particularmente significativo para Ísis, visto que Serápis, assimilação helênica de Osíris com o touro Ápis, foi especialmente acolhido no mundo romano. Já as serpentes, também em número significativo em cenas com Ísis e Osíris, são relacionados com a proteção do faraó, indicando a

soberania do casal. Como apontamos anteriormente, a associação entre Ísis e Artémis decorre em função dos animais e pudemos observar, a exemplo da pintura anterior na qual a deusa egípcia apoia seus pés sobre um crocodilo enquanto segura uma serpente enrolada em seu braço, o domínio de Ísis sobre os animais, ou mesmo uma representação de seu aspecto soberano sobre todos os seres vivos.

Também percebemos que os animais, em particular os touros, são retratados próximos a templos em paisagens nilóticas, o que poderia ser indicação de se tratar: dos templos das ilhas de Bigeh, lendário local de sepultamento de Osíris; Filas, onde o principal templo dedicado à Ísis foi erigido; ou mesmo o Serapeu de Mênfis, de acordo com Frederick Brenk (2015). Da mesma forma, concordamos com a hipótese do autor de que estas imagens, baseadas na observação direta do artista ou em relatos de viajantes, visavam transmitir a sensação do Alto Nilo em sua convivência diária, especialmente por terem sido encontrados no *ekklesiasterion*, a sala de reuniões e dos iniciados nos mistérios da deusa.

Deste modo, pudemos observar a referência ou mesmo o culto aos animais na religiosidade pompeiana e o modo que os seguidores de Ísis se relacionavam com este aspecto característico da religiosidade egípcia, o culto à divindades zoomórficas – prática que não chegou a ser proeminente em sua difusão na esfera greco-romana –, sendo possível visualizar esta predileção por figuras antropomorfas na imagem anterior, onde Io, mesmo tendo sido transformada em uma novilha, não é representada de forma completamente animalesca. Ainda assim, os sacerdotes de Ísis não deixaram passar esta característica da religiosidade egípcia. Além do mais, é possível observar as transformações perpassadas pelo culto ísiaco ao notarmos que um dos principais elementos de sua dispersão, a relação da deusa com a água, foi representada por meio dos animais marítimos.

Figura 2 - Afrescos de Pompéia



Fonte: © 2023 Museu Nacional/UFRJ

Link: <http://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arqcm016.html>

Local de Conservação: Museu Nacional UFRJ Inv.: B2456

Local do Achado: Pompéia (VIII, 7, 28) - Templo de Ísis, encontrado no Ekklesiasterion.

Datação: Século I d.C.

Descrição: Painel duplo com fundo de cor escura expondo no primeiro painel um grande dragão marinho de cauda longa envolto por dois animais aquáticos, todos voltados para a direita. O painel abaixo do primeiro apresenta figuras semelhantes ao anterior, com a exceção de que a cabeça do dragão tem um estilo distinto e virado para trás enquanto os outros animais estão voltados para a esquerda. Ambos os afrescos, que faziam parte da coleção Teresa Cristina do Museu Nacional UFRJ, foram destruídos pelo incêndio que acometeu o museu em 2 de setembro de 2018.

A água é o elemento de maior recorrência nas pinturas do Templo de Pompeia, estando em cenas marítimas, nilóticas, com animais ou em cerimônias. Nesta última imagem, nomeada de Navigium Isidis, vemos a passagem mitológica no qual Ísis navega pelo rio Nilo com o caixão contendo o corpo desmembrado de seu marido, Osíris, momento que deu origem ao festival de mesmo nome, comemorado pelas ruas de Pompeia ao inaugurar a temporada de navegação, reunindo o sacerdócio, iniciados e populares, que realizavam uma procissão que culminava com a benção das embarcações no porto da cidade.

Como dito anteriormente, o Iseum possui um reservatório de água denominado purgatorium, que recriava simbolicamente as cheias do Nilo, com a água servindo para purificação ao adentrar no espaço do Templo,

e, também, tomando parte nos ritos e cerimônias isíacas, como na lavagem da estátua de Ísis (GASPARINI, 2013). Indo além, Valentino Gasparini (2013, p. 198-199) levanta a hipótese de o Iseum estar relacionado com o Grande Teatro vizinho de si, no qual haveria encenações mitológicas que envolviam a água, os chamados hidrôminos, populares no Oriente.

Percebemos que a água na narrativa mitológica isíaca é o elemento de ligação entre a Ísis egípcia e a deusa helenizada que chegou à Pompeia, visto que seu zelo em proteger sua família e regenerar Osíris pode ter-se manifestado no modo que a deusa foi tomada como protetora da navegação já em Alexandria, recebendo novos significados como uma entidade protetora que acalentaria as águas imprevisíveis, caráter que foi disseminado e acolhido em Pompeia. Esta conexão com as origens de Ísis também podem ser visualizadas nas diversas paisagens nilóticas que cobriam seu Templo de Pompeia, que visavam transmitir a sensação de proximidade com a deusa egípcia, ao mesmo tempo que manifestam suas transformações com imagens de grandes embarcações situadas em portos semelhantes aos do Mediterrâneo, sinalizando sua função como protetora da navegação.

Figura 3 - Navigium Isidis



Fonte: Fonte: ©Jackie and Bob Dunn, [www.pompeiiinpictures.com](http://www.pompeiiinpictures.com)  
Su concessione del MiC - Parco Archeologico di Pompei.  
Link: Foto de Rick Bauer.  
[https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p13\\_files/image047.jpg](https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p13_files/image047.jpg)  
Local de Conservação: Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Inv.: 8929.  
Local do Achado: Pompéia (VIII, 7, 28) - Templo de Ísis, parede norte do sacrarium. Datação: 62-79 d.C.  
Descrição: Ísis navega pelas águas sagradas do Nilo com o sarcófago contendo o corpo de seu marido Osíris. Posicionados ao seu lado estão deuses do Nilo, abaixo se encontram duas serpentes de cada lado de um vaso de ponta cônica e símbolo de meia lua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pequena demonstração do trabalho realizado em nossa monografia, o que desejamos expressar é a existência de uma fluidez na inserção de uma divindade estrangeira no mundo romano, por meio da análise do culto de Ísis em Pompeia a partir das pinturas parietais de seu Templo, de modo que possamos nos aprofundar na forma com que os povos antigos recebiam e vivenciavam mentalidades diversas. Estes processos não tratavam da simples justaposição de um culto tradicional por outro estrangeiro, mas envolviam uma identificação mais íntima com esta divindade, reconhecendo suas origens, mas também a vivenciando de novas formas que, no caso de Ísis, teve seu vínculo com a água como elemento de conexão em seu processo de difusão pelo Mediterrâneo.

Neste espaço, o que almejamos clarificar é que compreendemos que um dos métodos desta identificação com uma religiosidade estrangeira se daria por meio da interpretativo, modo pelo qual o povo receptor assimilaria um elemento estrangeiro por meio de elementos já existentes em seu imaginário. O que também implicaria em mudanças e ressignificações expressas na materialidade que nos permitem visualizar as novas realidades destes povos antigos, percebendo nesta fluidez as permanências e transfigurações que, no caso desta pesquisa, buscamos demonstrar por meio de três eixos temáticos que argumentamos serem relevantes para o estudo da deusa egípcia que chegou ao porto da Campania – visto que percebemos ser escasso o número de trabalhos que relacionam estes temas nos debates acerca da presença de Ísis no mundo romano.

Ao examinar estas pinturas em conjunto de nossa bibliografia, também percebemos que dos variados estudos acerca do Templo de Pompeia, aqueles que se dedicaram às pinturas, em sua maioria, privilegiaram uma pequena porção de imagens, especialmente cenas de caráter mais cerimonial. Entretanto, apesar de menos frequentes, acreditamos que as imagens que representam paisagens e animais são

tão expressivas quanto as que retratam divindades ou ritos, pois concluímos que, possivelmente, o fator que importava para o sacerdócio e iniciados nos mistérios de Ísis eram as sensações que estas imagens transmitiam como uma forma de aproximação das origens de sua deusa, cujas narrativas mitológicas se passavam nas distantes terras egípcias.

## **FONTES**

DUNN, J.; DUNN, B. Pompeii in pictures: Tempio d'Iside. Disponível em: <https://pompeiiinpictures.com/pompeiiinpictures/R8/8%2007%2028%20p1.htm>. Acesso em: 09 dez. 2021.

Museo Archeologico Nazionale di Napoli: Temple of Isis. Disponível em: <https://mannapoli.it/en/tempio-di-iside-2/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

Museu Nacional: Afrescos de Pompeia. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/arqueologia/culturas-mediterraneo/arqcm016.html>. Acesso em: 09 dez. 2021.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRENK, F. Animals and Worship in the Temple of Isis at Pompeii. In: Society for Classical Studies, 146, 2015, New Orleans. Innovative Encounters between Ancient Religious Traditions. New Orleans: 2015. Disponível em: <https://classicalstudies.org/annual-meeting/146/abstract/animals-and-worship-temple-isis-pompeii>. Acesso em: 06 jul. 2023.

BRENK, F. "Great Royal Spouse Who Protects Her Brother Osiris": Isis in the Isaeum at Pompeii. In: CASADIO, G.; JOHNSTON, P. A. (Ed.). *Mystic Cults in Magna Graecia*. Austin: University Of Texas Press, 2009. p. 217-234.

FANTACUSSI, V. A. O culto da deusa Ísis entre os romanos no século II: Representações nas Metamorfoses de Apuleio. 2006. 96 f. Dissertação (Mestrado) -Curso de História, Faculdade de Ciências e Letras, Unesp - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2006.

FUNARI, P. P. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003.

GASPARINI, V. Staging religion. Cultic performances in (and around) the temple of Isis in Pompeii. In: CUSUMANO, N.; GASPARINI, V.; MASTROCINQUE A.; RÜPKE, J. (eds.). *Memory and religious experience in the Greco-Roman world*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013. p. 185-211.



GASPARRO, G. S. The Hellenistic Face of Isis: Cosmic and saviour goddess. In: BRICAULT, L.; VERSLUYS, M. J.; MEYBOOM, P. G. P. (Ed.). Nile into Tiber: Egypt in the Roman World. Leiden: Brill, 2007. p. 40-72.

GRALHA, J. Egípcios. In: FUNARI, P. P. (org.). As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009. p. 10-37.

GUIMARÃES, F. Sobre arqueologia, arqueólogos e religião. In: GUIMARÃES, F. (org.). Arqueologia da Religião: método e interpretação do produto artístico da religião. Macapá: Unifap, 2018. p. 21-41.

HARDWICK, L. Reception within Antiquity. In: HARDWICK, L. Reception Studies. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 12-32.

PETERSEN, L. H. The Places of Roman Isis: Between Egyptomania, Politics, and Religion. Oxford: Oxford University Press, 2018. p. 1-35.

RECKO, C. Building materials, construction processes and labor: The Temple of Isis in Pompeii. In: BRYBAERT, A.; KLINKENBERG, V.; GUTIÉRREZ GARCIA-M.; VIKATOU, I. (eds). Constructing monuments, perceiving monumentality and the economics of building: Theoretical and methodological approaches to the built environment. Leiden: Sidestone Press, 2018. p. 295-309.

RIVES, J. Religion in the Roman Provinces. In: BRUUN, C.; EDMONDSON, J. (Ed.). The Oxford Handbook of Roman Epigraphy. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 420-444.

ROCKENBACK, M. Ísis e seu culto através do Mediterrâneo. Nearco: Revista Eletrônica em Antiguidade, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p.104 -117, jan. 2017.

SANFELICE, P. P. Sob as cinzas do vulcão: representações da religiosidade e da sexualidade na cultura material de Pompeia durante o Império Romano. 2016. 301 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

SWETNAM-BURLAND, M. Egyptian objects, Roman contexts: A taste for aegyptiaca in Italy. In: BRICAULT, L.; VERSLUYS, M. J.; MEYBOOM, P. G. P. (Ed.). Nile into Tiber: Egypt in the Roman World. Leiden: Brill, 2007. p. 113-136.

VALE, A. P. A. O culto à deusa Ísis e o emaranhamento cultural entre o Egito antigo e o Império Romano. In: SEMANA DE EGIPTOLOGIA DO MUSEU NACIONAL-UFRJ, 4, 2017, Rio de Janeiro. Estudos de egiptologia. Rio de Janeiro: Klíne, 2017. p. 157-169.

VERSLUYS, M. J. Understanding Egypt and Beyond. In: BRICAULT, L.;  
VERSLUYS, M. J.; MEYBOOM, P. G. P. (Ed.). *Isis on Nile: Egyptian Gods in  
Hellenistic and Roman Egypt*. Leiden: Brill, 2010. p. 7-36.